

EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO: ALTERIDADE EM FOCO

Kátia Ramos Silva (Doutoranda – PPGS/UFPB)

E-mail: katya6@gmail.com

I. INTRODUÇÃO

O processo de envelhecer na sociedade contemporânea vem sendo alvo de múltiplas percepções. O crescente índice de pessoas com idade superior a 60 anos apontada nos censos populacionais realizados nas últimas décadas, tem contribuído para que as demandas apresentadas por esse público específico sejam amplamente postas em pauta nos diferentes setores da sociedade. Concordando com estudos que tratam sobre a heterogeneidade da velhice, empreendemos neste trabalho uma análise sobre as *velhices* que se desdobram nas relações estabelecidas entre indivíduos que, embora compartilhem o mesmo estágio etário reconhecido como idoso, são oriundos de contextos sociais e trajetórias de vida distintas.

O objetivo central desse trabalho é analisar as diferenças presentes no processo de envelhecer, buscando conhecer como são produzidos os significados sociais sobre a velhice, na perspectiva da alteridade, através do trabalho que as voluntárias da Associação Internacional de Caridades, as chamadas “Senhoras da Caridade”, realizam junto aos idosos residentes no Instituto São Vicente de Paulo, instituição asilar localizada na cidade de Campina Grande - PB.

A Associação em questão possui um histórico internacional significativo e foi fundada no Brasil em 1854 (AIC-BRASIL, 2011). O núcleo de Campina Grande – PB, sobre o qual nos debruçamos para a realização da pesquisa, foi instituído no ano de 1935, funcionando em uma sala específica, nas dependências do Instituto



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

São Vicente de Paulo. Este núcleo é composto atualmente por 76 mulheres que, em sua maioria, estão inseridas numa faixa etária reconhecida como idosa, de classe média, com formação acadêmica e que possuem uma vida social ativa e reconhecida no contexto da prática da caridade. As inúmeras ações realizadas pela AIC são executadas através de subgrupos, para atender parte das necessidades dos segmentos carentes da cidade, tais como crianças, doentes, gestantes e idosos. Para atender as demandas destes últimos, a Associação possui o “Projeto Alegrar”, especificamente voltado para os idosos asilados.

Desta forma, a nossa finalidade é discutir sobre a construção de identidade e o reconhecimento de *si*, entre as idosas voluntárias da AIC, núcleo de Campina Grande/PB, face à imagem do *outro*, os asilados, com quem compartilham o estágio etário, mas que apresentam estilos de vida distintos. Este estudo aborda, portanto, os díspares papéis e oportunidades sociais evidenciados na velhice, problematizando a maneira pela qual as categorias gênero, geração e classe social perpassam e influenciam as experiências nessa fase do curso da vida.

II. METODOLOGIA

Para desenvolver esse estudo, focalizamos os idosos residentes no Instituto São Vicente de Paulo, na cidade de Campina Grande – PB, bem como as voluntárias da caridade inseridas no “Projeto Alegrar”. Realizamos visitas para observação direta das práticas (Minayo, 2008), entrevistas semi-estruturadas em profundidade, com as nove voluntárias que compõem atualmente o “Projeto Alegrar” e em uma amostra de cinco asilados que participam dos momentos promovidos pelo referido grupo. Utilizamos ainda o caderno de campo, além dos estudos de bibliografia temática, que atuaram como eixo para a fundamentação teórica.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando nos propomos discutir sobre a velhice, categoria presente no cotidiano dos indivíduos, bem como sobre idosos, sujeitos sociais que vivenciam essa condição social, entendemos que esse debate, embora demande certas sutilezas e interditos, não se trata de um exercício de difícil consenso. Contudo, aos nos debruçarmos sobre as minúcias que circundam tais temáticas, percebemos a complexidade que envolve a abordagem da velhice, o asilamento de idosos e as possibilidades de sociabilidades nessa fase do curso da vida.

A fim de explicitar tais diferenças, tomamos como objeto de estudo duas experiências de envelhecimento: a experiência asilar e o que chamamos de “aberta”, através de uma análise sobre as peculiaridades que permeiam as relações estabelecidas entre idosos asilados e as voluntárias de um grupo de caridade que, em sua maioria, estão inseridas uma faixa etária reconhecida como idosa. Devo pontuar, contudo, que esse exercício de estudar a velhice “por dentro” não corresponde meramente à um mecanismo de comparação entre trajetórias de vida distintas, entre grupos formados por idosos, ou sobre como o “meio” institucional atua sobre a subjetividade dos residentes. A proposta desse estudo foi avançar e compreender como se dá o encontro e/ou embate entre *velhices*, identificando as fronteiras e aproximações entre a chamada velhice ativa/saudável e a velhice asilada/doente/pobre no contexto da caridade voluntária da AIC.

Deste modo, discorrendo sobre suas experiências ao envelhecer nos dias atuais e as circunstâncias intrínsecas à esse processo, a narrativa dos idosos pesquisados percorre grande parte da sua história de vida, reconstruindo e elencando os acontecimentos que marcaram sua trajetória e que contribuem para elucidar o lugar social que ocupam na atualidade. Retomam o passado para se posicionar diante do presente, bem como para elaborar perspectivas de futuro. É

nesse contexto marcado por subjetividades, narrativas fortemente vinculadas à tradição e memória, que o pesquisador se colocou na realidade empírica procurando romper com o que Goffman (2009) aponta como *região de fachada*, que muitas vezes nos limitamos, e adentrar na *região de fundo ou os bastidores*, onde tudo é preparado e a realidade pode ser visualizada de forma mais clara e fidedigna.

IV. CONCLUSÃO

A análise dos relatos dos participantes da pesquisa explicitou aspectos sobre as diferenças presentes nas experiências de velhice na sociedade atual. Percepções singulares dos informantes sobre a dupla condição social vivenciada – velhos/asilados *versus* velhas/caridosas –, além do encontro entre essas distintas *velhices*, expuseram as formas pelas quais eles reconstroem sua trajetória de vida, se inserem em grupos e contextos específicos, elaboram sua autoimagem também diante da presença do *outro*, estabelecem relações de sociabilidade geracional.

Semanalmente, havia a possibilidade daquele encontro. A realidade “aberta” e a fechada realidade institucional estabeleciam contato. As entrevistas revelaram não-identificação mútua entre as experiências de *velhices* envolvidas. As caridosas já inseridas numa idade reconhecida como idosa e as que faziam parte do “grupo” das que estão “chegando pra idade” (MOTTA, 2007), afirmavam que, estar diante de um residente, provocava reflexões sobre seu presente e futuro. Contudo, sempre ressaltavam a diferença entre sua vivência individual, supervalorizando-a, em relação à dos asilados: “É diferente. A gente é mais livre, eles vivem num ambiente fechado”. Os asilados, por sua vez, também demonstravam não-reconhecimento da “velhice” nas mulheres com as quais se relacionavam através do “Alegrar”.

É relevante identificarmos as fronteiras e aproximações entre a chamada velhice ativa/saudável e a velhice asilada/doente/pobre no contexto da caridade

voluntária da AIC em relação aos asilados. Dentre os aspectos reconhecidos que apresentam similitudes entre os idosos institucionalizados e os que vivenciam uma experiência não-institucionalizada, podemos apontar o fato de que eles se inserem em tais contextos, em busca de apoio, de serem reconhecidos, suprir necessidades físicas e/ou emocionais, possibilidades de recriar relações de sociabilidade, vínculos afetivos. Por outro lado, verificamos que os idosos inseridos em tais grupos, além do distinto espaço de vivência, diferem entre si na perspectiva da ausência/presença de autonomia para conduzir os aspectos cotidianos de suas vidas, a maneira como se relacionam com sua aparência física e com peças do vestuário, estilo de vida, além da convivência e/ou proximidade com a rede familiar também revelar-se como um elemento demarcador de diferenciação entre idosos de tais contextos.

Por fim, ao tecer algumas considerações a respeito do referido estudo empreendido, verificamos que a maior contribuição da pesquisa realizada, constituiu-se em romper desafios que envolvem os diversos elementos que permeiam a velhice, partindo de uma abordagem do seu aspecto eminentemente heterogêneo, e exercitar o princípio da alteridade, construído através da relação interpessoal entre o *eu* e o *outro* na velhice.

V. REFERÊNCIAS

AIC-BRASIL. Quem somos. Disponível em: <<http://www.aicbrasil.org.br>>. Acesso: 15 de outubro de 2011.

GOFFMAN E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2009.

Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e cientificidade. 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2008.

MOTTA AB. “Chegando pra idade”. In: BARROS MML. (Org). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.